

Práticas transdisciplinares no contexto latino-americano: entrevista com o Prof. Danilo Streck

María Goñi Mazzitelli , Bianca Vienni-Baptista  e Cecilia Hidalgo *

Danilo R. Streck é professor do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Caxias do Sul, Brasil. Suas pesquisas e produção acadêmica concentram-se nas áreas de pedagogia latino-americana, educação popular e mediações pedagógicas em processos sociais participativos. Participa do GT de Educação Popular e Pedagogias Críticas na América Latina da CLACSO e é co-editor do *International Journal of Action Research*. Coordena a Cátedra Unesco Educação para a cidadania global e justiça socioambiental.

265

A partir da sua experiência, qual é a situação atual do desenvolvimento da transdisciplina nas universidades ibero-americanas?

Agradeço o convite para participar deste dossier com a entrevista e espero contribuir para o importante debate proposto pela equipe que coordena a publicação. Quero advertir que não me considero um expert em inter e transdisciplinaridade; também não faço do tema o meu objeto de investigação. Isso evidentemente põe limites ao alcance de meus comentários. Acredito que compartilho com a grande maioria dos pesquisadores e educadores que a inter e/ou a transdisciplinaridade (ID e TD) hoje se impõe por razões bastante conhecidas, entre elas o fato de que os grandes e graves problemas que nos afligem como humanidade em todos os cantos do planeta não caberem dentro do escopo de disciplinas particulares. Essas continuam sendo necessárias e quem sabe, paradoxalmente, na medida em nos tornemos mais inter ou transdisciplinares em nossas práticas e em nossas formas de imaginar e pensar, as disciplinas particulares assumam um papel ainda mais exigente. Acredito que esse processo pode ser comparado ao que acontece quando se joga uma pedra sobre uma superfície de água tranquila, sem ondas. À medida em que a pedra afunda vão se abrindo também os círculos concêntricos no espelho de água. Tanto mais abrangentes

* Coordenadoras do dossiê.

os círculos, tanto mais queremos saber sobre as profundezas do lago onde a pedra irá repousar, o que por sua vez exige uma diversidade de olhares competentes e com capacitação específica. Gostaria também de restringir-me mais à realidade latino-americana, que apresenta semelhanças e diferenças em relação ao contexto ibero-americano, que exigiriam uma análise mais profunda. Pelo que conheço das universidades latino-americanas, a partir de meu entorno no sul do Brasil, a inter e/ou a transdisciplinaridade passaram a fazer parte do discurso “oficial” e constam dos documentos orientadores de muitas instituições. Acredito que talvez seja necessário fazer aqui uma distinção entre níveis. A nível maior da instituição, o espírito é de busca por meios e formas de implementação da inter e transdisciplinaridade. Isso enfrenta sérios desafios, uma vez que a própria estrutura das universidades está ainda baseada em uma lógica disciplinar, onde cursos, departamentos e área de conhecimento têm uma certa vida própria, quando não competem entre si por recursos quase sempre muito escassos. Em algumas universidades a pandemia contribuiu para integrar professores de diferentes cursos ou mesmo áreas de conhecimento através do compartilhamento de seu tempo e de tarefas. Isso, no entanto, ainda não significa que a lógica disciplinar esteja sendo afetada e que haja mudanças de fato na estruturação das atividades de ensino, pesquisa e extensão. No nível das práticas investigativas, principalmente, houve nos últimos anos uma forte ênfase em grupos de pesquisa. Refiro-me aqui principalmente ao contexto brasileiro, que conheço melhor. Esses grupos de pesquisa têm algumas particularidades que merecem ser destacadas e faço isso a partir de minha experiência. O grupo costuma ser composto por pessoas de diversos níveis de formação. Temos no Brasil o programa de iniciação científica através do qual estudantes da graduação conseguem se integrar na pesquisa desde que entram na universidade. Em meus grupos é muito comum ter estudantes de diversas áreas de conhecimento. Apesar de situar meus projetos no campo da educação, costumo ter estudantes de psicologia, ciências sociais, história, comunicação, biologia, entre outras. Ou seja, é uma prática interdisciplinar que se desenvolve desde abaixo. Também os estudantes de pós-graduação costumam vir de áreas muito diferentes e ajudam a criar um ambiente interdisciplinar. Da mesma forma é fundamental que participem colegas pesquisadores de outras áreas. Por exemplo, ao estudar a participação social foi fundamental a colaboração de um colega das ciências sociais e políticas, e de uma colega dos estudos feministas.

Quais são as particularidades que a TD tem nestes contextos?

Eu não teria condições de identificar e classificar os contextos em sua relação com a transdisciplinaridade. Para começar a compreender essa questão é importante tecer algumas considerações sobre a compreensão que se tem de América Latina. Por um lado, ela é uma grandeza geográfica, como outras regiões do mundo, e encontramos nessa parte do mundo muito da diversidade que também se encontra em países de outros continentes. No entanto, gostaria de enfatizar a ideia de América Latina em sua dimensão sócio-política caracterizada pela mesma história de colonização que ainda hoje se traduz em termos de desigualdade social e exploração descontrolada dos recursos da natureza. Essa particularidade histórica provoca também a busca de práticas distintas nas quais a inter ou transdisciplinaridade encontra terreno fértil para se desenvolver. Refiro a seguir a experiência de dois intelectuais latino-americanos que praticaram a transdisciplinaridade mesmo antes que ela se tornasse tema. Uma

dessas referências para compreender a interdisciplinaridade na América Latina e possivelmente na Ibero-América é o sociólogo colombiano Orlando Fals Borda. Seu trabalho de certa forma pioneira com a PAP (pesquisa-ação participativa) tinha um caráter eminentemente transdisciplinar. Participavam da investigação educadores, teólogos, sociólogos, artistas além de membros da comunidade que eram estimulados a trazer suas histórias para compor o conhecimento da comunidade e da região. A *História Doble de la Costa*, um estudo da costa caribenha da Colômbia, é contada em dois canais distintos. No primeiro, temos a história narrada por e a partir de membros das comunidades. No segundo canal se tem um texto escrito dentro dos moldes acadêmicos clássicos. Há nessa iniciativa uma tentativa de diálogo entre os saberes produzidos e publicados pela academia e os saberes construídos pelas próprias comunidades e que se manifestam através de outras linguagens, geralmente mais ricas em sua diversidade do que a linguagem acadêmica. Outra referência é Paulo Freire conhecido mais pela sua contribuição no campo da educação. Um de seus pressupostos básicos, no entanto, era que a prática educativa e a investigativa fazem parte do mesmo ato de conhecer. Mesmo que ele se refira à sua prática como interdisciplinar, diríamos hoje que ela é de fato transdisciplinar uma vez que extrapola o diálogo entre disciplinas. O processo está bem descrito em seu livro clássico, *Pedagogia do Oprimido*, onde ele deixa claro que não se pode conhecer o povo sem a participação do povo. Por isso na investigação dos temas geradores para o processo de alfabetização participavam profissionais de diversas áreas do conhecimento, mas também gente da comunidade. Em seus escritos é comum termos referências a reconhecidos pesquisadores “disciplinares”, mas também a pessoas “comuns” que não filtravam seus conhecimentos através das lentes das disciplinas. Dito de outra forma, ele valorizava o que chamou de “saber de experiência feito”.

267

A partir dessas duas referências, quais seriam então as características?

É uma tarefa muito difícil apontar características comuns, dada a diversidade que caracteriza a realidade latino-americana e muito mais ainda a realidade ibero-americana. Talvez até uma das características seja a capacidade de recriação a partir de alguns princípios. Na medida em que a transdisciplinaridade se insere dentro das realidades específicas (campesinos, periferias urbanas, jovens, mulheres, etc.) é natural que ela assuma formas diferentes. Apontaria então, como uma das características, o respeito às culturas das comunidades e grupos com os quais se realiza a pesquisa. Ao pesquisar a participação popular vimos o quão importante é reconhecer o que passamos a chamar de culturas de participação. Aprendemos que as culturas populares constroem seus conhecimentos através de racionalidades que não necessariamente coincidem com a racionalidade científica. Por exemplo, há uma lógica simbólica que se habilitou a ler sinais do corpo, da natureza e dos fenômenos em geral. Ou então uma racionalidade sapiencial que corresponde muitas vezes a uma sabedoria milenar passada de geração em geração e que preserva valores importantes para a manutenção e recriação da vida. Outra característica da transdisciplinaridade latino-americana e também da ibero americana com a qual estou de certa forma familiarizado é o seu compromisso político emancipatório. Mesmo com realidades diferentes, há uma intenção transformadora a partir do reconhecimento de que o conhecimento pode ser usado para fins muito diferentes, quando não antagônicos. Também deve ser reconhecido que emancipação pode ter

significados diferentes, dependendo da realidade local, regional ou nacional, mas significa sempre tornar as pessoas aptas a se assumirem e atuarem como cidadãos e cidadãs responsáveis, críticos e solidários. Junto com isso vem ainda uma terceira característica que é a dimensão pedagógica. A pesquisa transdisciplinar é realizada por uma comunidade epistêmica na qual todos se educam mutuamente. É impossível que o pesquisador “treinado” em uma disciplina, ao entrar em um diálogo aberto e produtivo com a comunidade, não seja afetado pelos conhecimentos ali existentes e pela forma de conhecer. Do mesmo modo, a comunidade vai descobrindo que o conhecimento científico, ao lado de suas virtudes, tem também fragilidades.

No domínio das políticas em matéria de CTI, qual é o impacto da TD?

Percebo que no âmbito das políticas de CTI há uma consciência e um intento de fomentar projetos inter ou transdisciplinares. Existe o desafio de coadunar, na política, projetos que tenham o que se chama de “aderência” a uma área, mas ao mesmo tempo criar condições para projetos e programas transdisciplinares que talvez tenham um custo mais elevado, mas que possam ter um impacto social e econômico maior. Nesse sentido, há editais específicos sobre a questão das áreas, sobre a Amazônia, etc. Saliente-se, no entanto, que a predominância ainda é de projetos vinculados a um campo de conhecimento, eventualmente em diálogo com outros. Ou seja, permanece-se ainda no diálogo entre as disciplinas, ficando a critério do pesquisador fazer o movimento transdisciplinar. Confirmando o que havia dito antes, parece que a transdisciplinaridade ainda se situa muito em nível dos interesses e das possibilidades individuais. A institucionalização é um processo lento, tanto pela complexidade quanto pela forma como a pesquisa foi se estruturando ao longo do tempo. Há experiências muito interessantes que de certa forma se situam à margem da estrutura da Universidade. Um dos exemplos mais impactantes que conheço através do *International Journal of Action Research* e de várias atividades colaborativas é o Orkestra, Instituto Vasco de Competitividade, que está assim apresentado na página web:

“Una iniciativa de la Universidad de Deusto, a través de la Fundación Deusto, para el estudio de la competitividad y el desarrollo territorial desde sus distintos laboratorios de investigación¹ con tres objetivos: Contribuir a la mejora de la competitividad del País Vasco; Propiciar la mejora del bienestar de los ciudadanos; Generar conocimiento en competitividad regional”.²

Em diálogo com a diretora, Maria José Aranguren, esta salientou que uma das primeiras iniciativas foi terminar com a departamentalização dos projetos, pasando a integrar profissionais de diversas áreas de conhecimento para buscar soluções para problemas de determinado território. Daí a o conceito de ARTD, *action research for territorial development*. Nos projetos participam, além da equipe de Orkestra, gestores das

1. Consultar: <https://www.orquestra.deusto.es/es/investigacion/labs-investigacion-competitividad-territorial>.

2. Consultar: <https://www.orquestra.deusto.es/es/>.

localidades e membros das comunidades. Na América Latina vem se desenvolvendo práticas transdisciplinares interessantes conhecidas como sistematização de experiências, uma prática que gradualmente começa a ser aceita nas universidades. O que caracteriza essa prática é o protagonismo da própria comunidade que identifica as questões ou os problemas que deseja conhecer para transformar a sua realidade. É então um exercício de reconstrução de determinada experiência, utilizando materiais, instrumentos e conhecimentos dos próprios moradores, que é posteriormente refletida teoricamente num exercício coletivo para identificar formas de ação mais adequadas para solucionar eventuais problemas.

Qual é o papel que a TD pode desempenhar no desenvolvimento da ciência no futuro? Porquê?

Entendo que o futuro é melhor entendido a partir de experiências que contém um potencial de mudança. Nesse sentido, alguns dos exemplos acima referidos parece que sinalizam que a ciência reconhece a necessidade de reflexão sobre si mesma e sobre a sua real contribuição para o enfrentamento do conjunto de crises que a sociedade e o planeta enfrentam. É difícil imaginar que essas mudanças não passem por algum tipo ou nível de transdisciplinaridade. Com isso estou sugerindo que a TD é uma prática aberta, respectivamente, um conceito em construção. Embora os desafios estejam interconectados em um mundo globalizado, eles se apresentam com feições distintas em realidades específicas e a TD tem condições de fazer as necessárias adaptações para produzir os melhores resultados. Por exemplo, mesmo que haja o protagonismo de determinada área de conhecimento ou de determinado setor da sociedade, é essencial reconhecer os limites de cada um, respectivamente, o potencial de contribuição de cada um para a produção de um conhecimento mais relevante. Uma das forças da TD está no reconhecimento dos limites de nossa capacidade individual, seja no ensino, na pesquisa e na ação, e na potencialização dessas possibilidades limitadas através da cooperação. Isso coloca um desafio para a formação de docentes e de pesquisadores, em todas as carreiras e em todos os campos de conhecimento. Acredito que com a TD aconteça algo semelhante que com a pesquisa ação, que em princípio tem sempre um caráter inter ou transdisciplinar. Kurt Lewin, reconhecido como um dos iniciadores da pesquisa ação, falava que para conhecer uma realidade havia a necessidade do que ele chamou de “sintonia” de conhecimentos. Gosto dessa metáfora por apontar também para a dimensão estética do ato de conhecer/transformar quando mais vezes se encontram. Infelizmente na pesquisa ação, essa sintonia é raramente aprendida em nossas universidades. Pelo que vejo, com a TD, não é muito diferente. Para terminar relato uma experiência que busca promover a transdisciplinaridade a partir de métodos de pesquisa utilizado nos projetos na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, no sul do Brasil. Na prática, cada pesquisador e cada grupo de pesquisa, costuma utilizar uma determinada metodologia. No caso das ciências humanas, temos desde história oral, a pesquisa documental, a pesquisa ação. Ao todo, mais de vinte pesquisadores ofereceram pequenas oficinas e cada estudante foi desafiado a se inscrever em três oficinas diferentes, de preferência distintas daquela metodologia utilizada em seu grupo de pesquisa ou por seu professor ou orientador. Foi uma vivência muito potente para ampliar o campo de visão sobre a produção de conhecimento e rever conceitos e preconceitos. Enfim, de sentir melhor o que significa produzir conhecimento sendo uma das vozes na sinfonia.